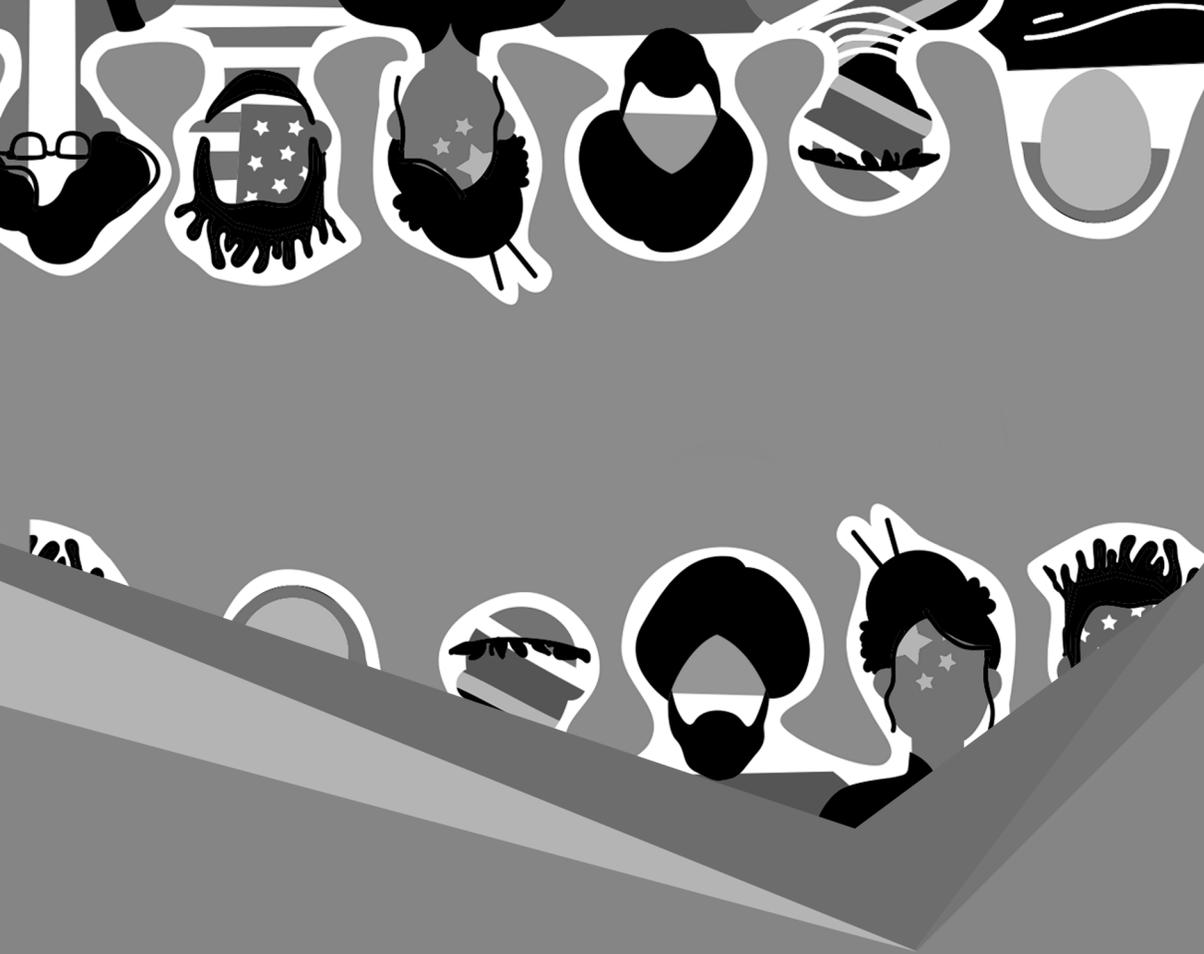




FATIMA SABRINA DA ROSA
(ORGANIZADORA)

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 2

 **Atena**
Editora
Ano 2020



FATIMA SABRINA DA ROSA
(ORGANIZADORA)

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 2

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Fatima Sabrina da Rosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F339 Fenomenologia e cultura: identidades e representações sociais 2 / Organizadora Fatima Sabrina da Rosa. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-487-0

DOI 10.22533/at.ed.870202610

1. Fenomenologia. 2. Cultura. I. Rosa, Fatima Sabrina da (Organizadora). II. Título.

CDD 142.7

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A presente obra apresenta uma coleção de nove textos de diferentes pesquisadores e instituições do país preocupados com questões relativas à cultura e à produção de identidades. Apresenta uma abordagem transdisciplinar e tem por objetivo a divulgação de investigações científicas com vistas à popularização da produção acadêmica e sua maior inserção social, de modo que o formato e-book favorece essa intenção por oferecer amplo acesso.

A riqueza desta coletânea reside no fato de que, tendo como ponto focal a cultura e a produção de identidades, o conjunto dos textos traz diferentes metodologias e técnicas de pesquisa entre elas a História Oral e a Arqueologia Etnográfica, bem como Análise de Discurso. Além disso, os textos aqui apresentados trazem cenários empíricos muito distintos, que atravessam o Brasil de Sul a Norte, tratando de mapear diferentes formas de vida e organização cultural, para os quais, em conformidade com a ponto de vista da fenomenologia, os autores elegeram os métodos mais adequados de investigação de acordo com o fenômeno que buscavam captar e descrever. De modo que o conjunto dos textos demonstra a amplitude do campo de investigação que abarca os estudos sobre cultura, representações sociais, identidades e seus desdobramentos. De modo que se faz necessário destacar alguns pontos importantes em cada contribuição trazida nesta coletânea.

O primeiro texto, **Representação social do manguezal durante ritual de cura/pajelança num terreiro de Tambor de Mina em São Luís, Maranhão**, traz uma importante reflexão acerca da profunda relação entre o ecossistema manguezal e as práticas religiosas da comunidade que o territorializa, bem como reflete sobre a forma como elementos fundamentais deste ecossistema se fazem representados nos rituais por eles efetuados, incidindo, por consequência, na identidade coletiva desta comunidade.

A comunicação de número dois, **Cultura e Conflito: Intersecções entre o popular e os processos de hibridização no cenário dos Bondes de Porto Alegre**, realiza uma breve apreciação teórica sobre os conceitos de cultura de forma geral, cultura popular e cultura maciça, bem como apresenta o cenário social dos Bondes de Porto Alegre (sociabilidade juvenis), os quais utilizam do conflito como forma de lograr espaços de projeção para suas identidades culturais utilizando-se de um manejo dos formatos popular e maciço em processos de hibridação.

Já o texto **Uma Proposta Contra Hegemônica: O Etnodesenvolvimento como instrumento de valorização cultural**, realiza uma importante crítica sobre a noção de Desenvolvimento Sustentável atentando para as nuances etnocêntricas e capturadas pelo discurso capitalista que o termo engendra. Em substituição, os

autores propõem o paradigma do etnodesenvolvimento, segundo o qual seguiriam preservadas as práticas e crenças das comunidades tradicionais, possibilitando o desenvolvimento associado à autonomia cultural.

Do mesmo modo, a relação entre cultura e desenvolvimento aparece na investigação **Feiras Agroecológicas: que relações se desenvolvem nesses espaços?** na qual os autores apresentam as estruturas relacionais que se organizam a partir de formas de produção, comércio e consumo não-convencionais. O Estudo de Caso, levado a cabo com famílias de uma associação de produtores agrícolas e seus respectivos clientes, ressaltou as relações sociais intrínsecas em que vínculos são construídos e reforçados na interação promovida pelas feiras.

O texto **A Complexidade dos Direitos Humanos em educação no processo migratório da América Latina** realiza um debate acerca do tema do multiculturalismo na América Latina, associado com o tema da educação em Direitos Humanos e da teoria da complexidade. Para tanto realiza uma breve pesquisa bibliográfica que abarca questões ligadas a globalização como as migrações recentes e a urgência de pensar a educação levando em consideração esses novos contextos multiculturais.

A semelhança do que acontece com o primeiro texto da coletânea, a investigação etnográfica **Os Ribeirinhos do Rio Mapuá, Arquipélago de Marajó: modos de vida, cosmologia, práticas materiais e simbólicas** resalta a relação entre os elementos do território habitado e as práticas materiais e simbólicas perpetradas pela comunidade. Além disso, a relação passado/presente e a noção de memória é destacada pela autora para descrever a forma como as comunidades tradicionais do Mapuá significam suas práticas e configuram sua identidade cultural.

De modo semelhante, a noção de memória aparece destacada no texto **Manuel Bandeira e os prenúncios da morte**. Nesta análise, a noção de memória é trazida para explicitar a forma como a identidade de Bandeira se constitui numa relação tensa entre passado e presente, bem como na ausência de futuro. Desse modo, o texto convida o leitor a observar trechos da obra de Bandeira em que as representações sociais sobre a morte e a memória de episódios ligados a perdas afetivas constituem um processo de formação da identidade do autor.

Ainda refletindo sobre a memória na formação das identidades, a comunicação **Mídia, narrativas e memória transfronteiriça na vivência pessoal**, trata de explicitar a forma como as memórias individuais se entrelaçam com experiências coletivas na formação de identidades e representações de pessoas que vivenciaram o contexto de fronteira no estado do Rio Grande do Sul. Essa narrativa é construída a partir da descrição do processo de construção de um documentário realizado com os entrevistados em questão.

Também ambientada em um contexto fronteiriço, a comunicação **Preâmbulo**

da queda do presidente do Paraguai na TV brasileira e no imaginário da fronteira Paraguai-Brasil é didática na forma como apresenta a interferência das representações midiáticas no modo como as identidades nacionais são concebidas. A análise traz trechos de discursos da mídia e de entrevistas realizadas pela autora, em ambos lados da fronteira, nos quais se destacam as interferências promovidas pelas informações veiculadas na maneira como a população paraguaia e brasileira passa a ver a situação política no país vizinho, a qual se relaciona com a forma como configuram sua identidade cultural.

Embora tratem de contextos e métodos muito diferentes, cabe destacar que as investigações aqui apresentadas convergem no sentido de apresentar a noção de representações sociais como fundamental para a configuração das identidades e da forma como indivíduos se veem e se inserem no mundo de forma individual ou coletiva.

A pesquisa e a escrita que envolve o tema da cultura e das representações exige, acima de tudo, um olhar sensível e atento às especificidades das coletividades observadas. Ainda que utilizando diferentes abordagens, o somatório dos trabalhos ressalta a importância das formas de organização coletiva, das relações, representações sociais e da memória na produção e manutenção das identidades culturais. Nesse sentido, acredita-se que a coletânea oferece a possibilidade de perceber a amplitude do campo de investigação da cultura e compreender a riqueza do trabalho elaborado a partir da inserção atenta e comprometida com contexto de estudo e os sujeitos envolvidos.

Fatima Sabrina da Rosa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO MANGUEZAL DURANTE RITUAL DE CURA/ PAJELANÇA NUM TERREIRO DE TAMBOR DE MINA EM SÃO LUÍS, MARANHÃO Flávia Rebelo Mochel Edson Vicente da Silva DOI 10.22533/at.ed.8702026101	
CAPÍTULO 2	16
CULTURA POPULAR E OS BONDES: INTERSECÇÕES ENTRE O POPULAR E OS PROCESSOS DE HIBRIDIZAÇÃO Fatima Sabrina da Rosa DOI 10.22533/at.ed.8702026102	
CAPÍTULO 3	28
UMA PROPOSTA CONTRA HEGEMÔNICA: O ETNODESENVOLVIMENTO COMO INSTRUMENTO DE VALORIZAÇÃO CULTURAL Leonardo Augusto Couto Finelli Rânely Nayara Pereira Cruz DOI 10.22533/at.ed.8702026103	
CAPÍTULO 4	36
FEIRAS AGROECOLÓGICAS: QUE RELAÇÕES SE DESENVOLVEM NESSES ESPAÇOS? Adilson Tadeu Basquerote Eduardo Pimentel Menezes DOI 10.22533/at.ed.8702026104	
CAPÍTULO 5	45
A COMPLEXIDADE DOS DIREITOS HUMANOS EM EDUCAÇÃO NO PROCESSO MIGRATÓRIO DA AMÉRICA LATINA Rosa Elena Bueno Araci Asinelli-Luz Adão Aparecido Xavier Jenifer Cristina Bueno Alessandra de Paula Pereira Tatiane Delurdes de Lima-Berton DOI 10.22533/at.ed.8702026105	
CAPÍTULO 6	55
OS RIBEIRINHOS DO RIO MAPUÁ, ARQUIPÉLAGO DE MARAJÓ: MODOS DE VIDA, COSMOLOGIA, PRÁTICAS MATERIAIS E SIMBÓLICAS Eliane Miranda Costa DOI 10.22533/at.ed.8702026106	

CAPÍTULO 7	68
MANUEL BANDEIRA E OS PRENÚNCIOS DA MORTE Vitor Hugo da Silva DOI 10.22533/at.ed.8702026107	
CAPÍTULO 8	79
MÍDIA, NARRATIVAS E MEMÓRIA TRANSFRONTEIRIÇA NA VIVÊNCIA PESSOAL Ada Cristina Machado Silveira Bernardo Abbad da Rocha Suélen de Lima Lavarda DOI 10.22533/at.ed.8702026108	
CAPÍTULO 9	89
PREÂMBULO DA QUEDA DO PRESIDENTE DO PARAGUAI NA TV BRASILEIRA E NO IMAGINÁRIO DA FRONTEIRA PARAGUAI-BRASIL Roberta Brandalise DOI 10.22533/at.ed.8702026109	
SOBRE A ORGANIZADORA	105
ÍNDICE REMISSIVO	106

Data de aceite: 01/10/2020

Vítor Hugo da Silva

Faculdade Pedro II
Belo Horizonte - MG
<http://lattes.cnpq.br/1689127387758633>

RESUMO: O presente trabalho sugere o estudo bandeiriano que se inicia na tentativa de definir a morte e seu prenúncio. A partir das teorias de Lejeune, passa-se à análise da memória, a fim de mostrar a possibilidade bandeiriana de recuperação e de recriação do passado. Percebe-se, assim, que os temas da memória e da morte estão diretamente ligados ao tema da utopia, pois, em “Pasárgada”, a recuperação daquilo que foi outrora perpassa uma terra prometida a todos, mítica, psicológica, verdadeira. Para aprofundar o estudo no tema da memória, foi escolhido o poema **A Dama Branca**, autobiografia literária em que Bandeira demonstra o seu aprendizado e o seu fazer poético. Procura-se mostrar que a poesia de Bandeira é um processo de releitura e recriação permanente que vai do *eu* ao outro, para retornar, repleta de significado para o *eu*. A poesia mostra-se como um processo de costura de um *eu*, que nasce a partir de si e que passa necessariamente pelo outro.

PALAVRAS-CHAVE: Morte, memória, recriação, Dama Branca.

MANUEL BANDEIRA AND THE HARBINGER OF DEATH

ABSTRACT: The present work suggests a study of Bandeira’s starting with an attempt to define his death and his harbinger. Parting from the theories of Lejeune, it goes into the memory analyses, in order to show the “bandeira-esque” possibility of recuperation and recreation of the past. This way, it is possible to notice the themes of memory and death were directly linked to the theme of utopia, for, in “Pasárgada”, the recuperation of what once gives the idea of a promised land to all, mystical, psychological, true. To deepen the study of the Memory theme, it was chosen the poem *A Dama Branca*, an literary autobiography in which Bandeira shows his learnings and his poetical doing. It intends to show that Bandeira’s poetry is a permanent process of rereading and recreation which goes from the self to the other, and returns, full of meaning to the self. The poetry shows itself as the process of sewing the self, which borns from within it and passes necessarily through the other.

KEYWORDS: Death, memory, recreation, White Lady.

1 | INTRODUÇÃO

A vida e a obra de Manuel Bandeira têm despertado o interesse dos estudiosos, que procuram, pela análise de sua produção literária, desvendar os segredos de um poeta que se firmou dentre os mais importantes representantes da literatura brasileira.

Por se tratar de um “poeta maior”, os

estudos não se esgotam, oferecendo outras linhas de análise, visando a apresentar outras perspectivas e outros olhares sobre as diversas temáticas abordadas pelo autor em estudo.

Observando-se a diversidade de temas, procedimentos e ênfase presentes na obra do poeta Manuel Bandeira, ganha importância e relevo crítico os textos que exprimem simplicidade e humildade – esta referida pelo próprio poeta no **Itinerário de Pasárgada** e a facilidade de fazer poesia tanto de “amores quanto dos chinelos”. Tal ênfase permite avanços no debate a respeito de sua poesia seja quanto à produção lírica ou as de caráter social e político, característica da literatura na primeira metade do século XX. Ao lado dessas primeiras observações pode-se, também, constatar aqui que na obra de Manuel Bandeira a busca pela imagem do passado é uma constante. Por esse motivo, o poeta é marcado pelo mito da infância, cujo espaço não é alcançado, apenas o tempo, através da memória escrita. Este processo de busca de memória favorece a construção da identidade.

E é assim que, baseado nos conflitos presentes na obra de Bandeira, que se escolheu, como tema desse trabalho, a poética do autor que adquire uma importância peculiar por sua densidade, advinda da expectativa da morte e da expectativa de viver cada momento como se fosse eterno. Talvez por isso, o tempo, a temporalização e a temporalidade sejam a esteira por onde caminha o poeta com seus dois temas mais frequentes, o amor e a morte, sempre densificados pelo tempo. Tempo que é princípio de continuidade e permanência, que se desdobra através de constante presente, e princípio de descontinuidade e divisão, que se fragmenta em incontáveis instantes.

Centralizou-se, portanto, a pesquisa na questão do desdobramento do sujeito e na análise de uma dimensão mítica e individual no fazer autobiográfico. Manuel Bandeira faz uso de símbolos que exprimem uma ordem dentro de sua vida dominada pela desordem, que é causada pelo convívio com a morte. Assim, o desdobramento do sujeito é originado pela oposição passado/presente, cujo passado assume uma conotação ideal.

Poeta simples aborda, de forma específica, “o fazer poético”, a sua aprendizagem e as influências que o fizeram percorrer caminhos que o conduziram do Parnasianismo ao Modernismo, da métrica perfeita ao verso livre, transformando-o em ícone da poesia brasileira. Para que se entenda melhor, procurou-se uma trajetória da vida bandeiriana, mais que uma simples biografia, uma (auto) biografia literária.

Estuda-se as constantes do gênero autobiográfico em consonância com o *eu lírico*. Neste sentido, começa-se pela definição da escrita confessional, da abordagem clássica da autobiografia proposta por Lejeune. Serão observadas as condições do estabelecimento dos pactos de leitura, entre elas o pacto autobiográfico. Em

seguida, a produção autobiográfica será analisada à luz do conhecimento de outros autores, entre eles Costa & Gondar, Foucault, Vargas Llosa, Starobinski, Miranda, Costa Lima e Philippe Lejeune.

2 | PRENÚNCIOS DA MORTE

Analisa-se, assim, a obra de Manuel Bandeira, procurando identificar a influência dos fatos reais na sua produção poética. Nesta pesquisa fez-se necessária a análise, através de certo conhecimento científico, da crítica biográfica que relata a vida do autor, a infância e fatos importantes, como também relatos dos seus familiares, enfim, sobre o seu cotidiano.

Procura-se lembrar de um Bandeira, menino do Recife, e que por lá viveu a sua primeira infância; a mudança para o Rio de Janeiro, quando tinha seis anos; o retorno para Recife e, mais uma vez o Rio de Janeiro. A infância do poeta é marcada por inesquecíveis momentos como os vividos com Totônio Rodrigues, Rosa, sua ama de leite, seus avós, a negra Tomásia dentre outros.

Torna-se importante salientar que Manuel Bandeira, ainda jovem, com dezoito anos adquiriu a tuberculose, doença para qual, na época, não havia cura. Quando começou a estudar arquitetura, já com seus vinte e oito anos, na Escola Politécnica de São Paulo, a doença se agravou seguindo o poeta para Clavadel – Suíça, a fim de realizar o tratamento contra a doença. Permaneceu em Clavadel um ano e quatro meses e quando já estava na época de sair, perguntou ao médico o que tinha realmente e este respondeu: “Você tem uma infiltração no pulmão direito e uma escavação no pulmão esquerdo”. Não dançou nenhum tango argentino. Ficou atônito. Sendo assim, perguntou ao médico se teria muitos anos de vida e o médico respondeu que poderia morrer daqui a cinco anos, quatro, dois anos, na verdade não saberia responder.

Os acontecimentos posteriores serviram de base para Bandeira arquitetar a sua poesia, pois a vida madrastra muito cobrou do poeta, fazendo-o retratar, a partir daí dores, alegrias, tristezas, e até mesmo o tema morte, que tanto perdurou em suas poesias.

Desta forma, estabeleceu-se uma interação entre a sua vida e sua obra, que se confundem como diz Alfredo Bosi: “A Biografia de Manuel Bandeira é a história dos seus livros. Viver para as letras [...]” (BOSI, 1985 p.408).

Apresenta-se, dessa maneira, a luta do poeta em relação à doença, a tuberculose que o perseguiu a vida toda. Como disse o poeta: “uma vida que poderia ter sido e que não foi”. A partir daí, os temas relativos à morte passaram a ser mais frequentes em seus poemas.

Baseando-se nos conflitos presentes na obra de Bandeira, escolheu-se como

tema desse trabalho, a poética do autor que adquire uma importância peculiar por sua densidade, advinda da expectativa da morte e de viver cada momento como se fosse eterno.

Por isso, nesta pesquisa, busca-se proceder a uma análise da história dessa poesia, iniciando-se com a apresentação dos mais diversos significados da morte, fundamentando-se na **Poesia da ausência**, de Yudiith Rosenbaum, e no **Tabu da morte**, de José Carlos Rodrigues, bem como uma explanação sobre o tema da morte na poesia de Bandeira. Para tanto, busca-se na história, na memória e no tempo, possibilidades de ler a poesia do autor.

3 | A DAMA BRANCA

Analisa-se como temática escolhida o poema “A dama branca”. Entre as temáticas que retratam amor, doença, infância e vida, a morte torna-se um dos pontos fundamentais das diversas outras temáticas. O poeta aceita a morte com naturalidade, não foge, porém a espera com o desejo de uma nova vida, como afirma em Consoada “a mesa posta, com cada coisa em seu lugar”.

Percebe-se, pois, nas obras do poeta, intimidade crescente com a dimensão da morte, intimidade própria da aprendizagem que vai do espanto ao lamento, da evocação à morte, sem ressentimentos. E Rosenbaum afirma que, ao atingir tal nível de maturidade tanto pessoal quanto poética, Bandeira consegue configurar o ausente, tudo o que foi perdido, fazendo-o ressurgir no seu espaço literário, ou seja, o poeta toma posse dos sinais deixados por entes queridos, resgatando a vida, pela exaltação da morte (ROSENBAUM, 2002, p. 23). Morte que pode ser vivida pelo *eu*, até com alguma lucidez e serenidade, mas as percepções da vida não são apreendidas tão calmamente.

Aliando-se à ausência, presença marcante na poesia de Bandeira, é possível detectar uma outra função, além do encontro do homem com a morte. Trata-se da sublimação através da criação estética. Elaborando os seus poemas, Bandeira consegue colocar no sujeito, no *eu lírico*, todo sofrimento pelas perdas e, definitivamente, um consolo, preparando o sujeito poético para as experiências do mundo. Para Bandeira, se a morte representa o final de todos os desejos, a poesia é fonte inesgotável de vida. Da mesma forma que Bandeira procura sublimar a morte pela poética, sem procurar explicá-la ou questioná-la.

Enfim, o estudo sobre a morte em Manuel Bandeira é algo que fascina, pois se trata de um fato importante e de grande relevância para a construção de sua obra, a questão da solidão e da morte, que o fazia tão parecido com as suas poesias.

Discute-se, ainda, o predomínio da ausência na vida e na obra de Bandeira;

investiga-se a presença da morte (“Profundamente”), do sonho, do ideal e do possível e da solidão (“Vou-me embora pra Pasárgada”), da esperança na vitória sobre a morte (“Consoada”) na poesia bandeiriana; identifica-se a utilização das reminiscências, da tradição e da ruptura no fazer artístico do poeta.

O mundo interior do *eu* se encontra totalmente perturbado pelas perdas pessoais. A ausência de entes que preenchiam o seu cotidiano é mais sofrida do que a perspectiva da morte. Passa, então, a eternizar o que foi perdido, apegando-se às coisas e pessoas que já se foram. Em “Profundamente”, essa busca pelo que já se foi é facilmente percebida, nos versos que evocam os parentes mortos. “Estão todos dormindo” (BANDEIRA, p. 140-141, 2007). Ao lembrar as perdas, o sujeito dos poemas se encontra mortificado, destituído de vida numa vida que se perdeu. Assim, a experiência se fixa na subjetividade lírica, é matéria para o fazer poético de Bandeira, onde a configuração da ausência aparece como o seu oposto, ou seja, as imagens permanecem vivas e correspondem às vidas perdidas. A ausência, no espaço poético, conduz o *eu* a reminiscências ainda presentes em seu interior.

Essa percepção de algo que aconteceu no passado é persistente nos poemas de Bandeira como, por exemplo, em “Visita”, no qual a presença do outro, já perdido, se coloca em imagens que ocupam a ausência: “lousas brancas e pássaros cantando” (BANDEIRA, 2007 p. 253). Mesmo tentando ludibriar a morte com a ausência, a morte chega a ser desejada, como em “Morte Absoluta”, aquela que não aceita ser revivida e que não deixa “um sulco, um risco, uma sombra” (BANDEIRA, 2007, p. 189)

3.1 A dama branca: Um estudo reflexivo

As perdas de parentes e amigos, a ausência dos que partiram e o enfrentamento posto em contato com essa questão de suas limitações embeberam, assim, a visão do *eu lírico*.

A Dama Branca

A Dama Branca que eu encontrei,
Faz tantos anos,
Na minha vida sem lei nem rei,
Sorriu-me em todos os
desenganos.

Era sorriso de compaixão?
era sorriso de zombaria?
Não era mofa nem dó. Senão,
Só nas tristezas me sorria.

E a Dama Branca sorriu também
A cada júbilo interior.
Sorria como querendo bem.
E todavia não era amor.

Era desejo? - Credo! De físicos?
Por histeria... quem sabe lá?
A Dama tinha caprichos físicos:
Era uma estranha vulgívaga.

Era... era o gênio da corrupção.
Tábua de vícios adúlteros.
Tivera amantes: uma porção.
Até mulheres. Até meninos.

Ao pobre amante que lhe queria,
Se lhe furtava sarcástica.
Com uns perjura, com outros fria,
Com outros má,

- A Dama Branca que eu encontrei,
Há tantos anos,
Na minha vida sem lei nem rei,
Sorriu-me em todos os
desenganos.

Essa constância de anos a fio,
Sutil, captara-me. E imaginais!
Por uma noite de muito frio,
A Dama Branca levou meu pai
(BANDEIRA, 2007, p. 79-80).

O poema “A dama branca” pode dividir-se em três partes. A primeira parte – respectivamente as três primeiras estrofes – em que “A Dama Branca” está sempre presente, assim como nas demais, significa, assim, uma metáfora relativa à irônica brandura-dissimulada, ou até mesmo ilusão em relação ao *eu lírico*. Já na segunda parte, respectivamente a quarta, quinta e sexta estrofes, apresenta-se uma ilusão

que cessa, e 'Branca' cede lugar a adjetivos pejorativos: de pura passa a meretriz (vulgívaga): parafraseando Pessoa e Drummond, numa alusão à morte, poder-se-ia dizer que a morte é fingidora, já que a dama é a própria morte. Considerando-se a última parte, representada pelas duas últimas estrofes, tal dama retoma as características iniciais. A alternância nos versos demonstra que o *eu lírico* associa "A Dama Branca" à própria morte, portanto, a figura da morte está relacionada com a figura feminina.

De acordo com Goldstein "A Dama Branca" - "está entre os poemas que revelam a máscara ou disfarce apresentando o enigma alegórico que envolve a personagem título" (GOLDSTEIN, 2005, p. 17).

A Dama Branca que eu encontrei,
Faz tantos anos,
Na minha vida sem lei nem rei,
Sorriu-me em todos os
desenganos.
(BANDEIRA, 2007, p.79-80).

Para Goldstein, a estrofe final contém a chave de todo mistério para se identificar com a figura constante nas "tristezas", no "contentamento", nos "desenganos" (GOLDSTEIN, 2005, p.18). Por isso, ela, sozinha se constrói numa parte.

Essa constância de anos a fio,
Sutil, captara-me. E imaginais!
Por uma noite de muito frio,
A Dama Branca levou meu pai
(BANDEIRA, 2007, p. 79-80).

Dessa forma, Goldstein comenta sobre o retrato ambíguo – se a 'Dama' é amiga ou inimiga; se desperta medo ou conquista, atribuindo-lhe a máscara, assim sendo, questiona a face real dos seres, se real ou fictícia; se do bem ou do mal, se de perigo ou segurança (GOLDSTEIN, 2005, p. 18).

O enigma da "Dama" se desfaz, permanecendo, pois, o caráter indecifrável da morte e da convivência entre os seres. "A dama branca" está, então, bem mais próxima da biografia do autor.

De acordo com Rosenbaum, alguns poemas de Manuel Bandeira tematizam a morte de forma clara e transparente, outros trabalham o tema da finitude (ROSENBAUM, 2002, p. 74-75).

No mesmo contato, entre os elementos poéticos e biográficos, muitas vezes, o poeta nos surpreende ao abordar o ápice da infância que acontecerá também, dado o reduzido espaço do poeta com a morte, da adolescência, até os seus últimos

dias. Privado dos parentes mais próximos $\frac{3}{4}$ em intervalo de a cada dois anos perde a mãe, a irmã e o pai $\frac{3}{4}$; o poeta se vê impulsionado a legitimar a sua existência na solidão. Aos dezoito anos é desenganado pelos médicos, podendo a qualquer momento morrer de tuberculose, e a morte passa a ser sua eterna e legítima companheira até os oitenta e dois anos, quando morreu, não de tísica, mas de hemorragia gástrica. Esses traços biográficos, se não determinam sua obra, tornam mais vastas as possibilidades de compreensão de sua criação poética.

Essa dinâmica está seguramente marcada por uma pulsão surpreendente causada pelas perdas no âmbito subjetivo, assumindo, desde cedo, a força poética, talvez causa dos prenúncios na sua vida. É ele mesmo que se posiciona como aquele que não se permite encarar a transitoriedade da vida.

As mortes abundantes de parentes e amigos, carregadas pelo peso da ausência de todos os que já se foram e o seu confronto diretamente ligado à questão da finitude talvez tivessem embebido a visão do *eu lírico*. A sua própria morte que a cada dia se adiava, sempre transportada para o dia seguinte, dando ao poeta a sujeição da angústia e solidão, jamais poderia considerar-se como somente mais uma experiência de vida. Mais do que isto, a morte toma lugar na casa do poeta, sua eterna companheira; e passa a ser sua eterna cúmplice. Pelo que o mau destino lhe fez, talvez, a própria ironia da vida, ela, a morte, personaliza-se no espaço do *eu lírico*, deixando-o em extrema solidão.

Mas essa “Senhora magra, séria, de maior distinção” já aparecera em outros locais. “A dama branca”, no entanto, esta dama era cuidadosa “uma estranha vulgívaga”: “gênio de corrupção”. Quem sabe, até mesmo um espírito carnavalesco, como essa figura mórbida, que consumira com o pai do poeta, “por uma noite de muito frio”, vestida à máscara dionisíaca, com a mesa posta e com cada coisa em seu lugar (ROSENBAUM, 2002, p. 75).

Assim, de acordo com Oliveira (2010), a figura da “Dama branca”, se apresenta indecifrável, misteriosa, tão constante companheira, tão íntima, que parece validar a poesia do desencanto, assim como da desilusão, transformando e representando uma permanente ameaça, prometendo, então, vestir-se de branco e sorrir nos melhores e piores momentos da vida.

A dama fica sempre próxima e, implacavelmente fatal, deixando de lado o luto e o pranto. Íntima, a morte se apresenta caseira, porém não há referência a seu espaço, somente ela se apodera do *eu lírico*.

“A dama branca” tem uma expressiva presença de natureza sonhadora, representada simbolicamente, e somente o *eu lírico* consegue perceber com inexistência os detalhes, visão nebulosa, deixando, assim, vislumbrar apenas sua cor e sorriso. A preferência pelo branco e a difícil decifração, uma incógnita, pertencente ao próprio mistério, ao temor, à sua imprecisão, ultrapassa a toda explicação de

sentido lógico e a falta de razão. Todavia, o poeta não confirma, com toda sua subjetividade, essa experiência vivenciada com ‘a dama’. No entanto, ela parece comprovar o amadurecimento do *eu lírico*. A simplicidade da linguagem do poeta e a sua humildade na criação poética fazem com que se perceba o domínio da técnica e a grande elaboração de vivências significativas.

O *eu lírico* encara a morte de frente, com olhar generoso e tranquilo, sabendo que “A dama branca” é para ele o desafio de todos os momentos, com a sensibilidade à flor da pele, com um sofrimento inigualável, humildemente magoado, aponta para uma acolhida singela, com amor fraterno, paterno e com uma visão alumbrada do que seja poético.

O próprio silêncio que atravessa a poesia de Bandeira aproxima-se do desentranhamento do *eu lírico*, iluminado em seus encontros e desencontros, trazendo, assim, essa emoção poética que marcou a sua infância, a sua juventude, como “A dama branca” que “um dia levou seu pai” e que o fez provar da morte, sem jamais ter morrido, “nos enganos e nos desenganos”, “nas tristezas” e “nos sorrisos de zombaria e de compaixão”.

O poema “A dama branca” é construído em oito quartetos, sugere restrição de vida, com versos octossílabos e quadrissílabos no segundo verso do primeiro quarteto (que se repete no mesmo lugar do sétimo quarteto), assim, como no último verso do sexto quarteto. A acentuação recai sempre na quarta sílaba de cada verso, rimas emparelhadas ou cruzadas, a grande parte masculina, com mais um sinal de poder, agudas, graves e esdrúxulas, com disposições alternadas. Segundo Oliveira (2010), nos versos “sorria como querendo bem” e “E, todavia não era amor”, indica-se a primeira proposta sobre a personagem em relação ao poeta, estabelecendo-se, então, o estado de coisas entre eles.

“A dama branca” é referida, nominalmente, por cinco vezes e sempre como sujeito, e, além disso, ela condiz com seus poderes e com a força contrária de sua insignificante presença. A última palavra apresentada também no poema é aquela que ele guardou durante muito tempo para, talvez, não demonstrar a sua dor: “pai”. Em 1918, morre a irmã do poeta, que tinha sido sua enfermeira durante muito tempo. No ano de 1919, seu pai custeia a publicação de **Carnaval**, porém, logo depois, em 1920, morre o pai de Bandeira, e a partir daí o poeta se instala na solidão de modo definitivo, muda-se para a Rua do Curvelo (CARA, 1981, p. 4-5).

A morte de meu pai e a minha residência no morro do Curvelo, de 1920 a 1933, acabaram de amadurecer o poeta que sou. Quando meu pai era vivo, a morte ou o que quer que me pudesse acontecer não me preocupava, porque sabia que pondo a minha mão na sua, nada haveria que eu não tivesse coragem de enfrentar. Sem ele eu me sentia definitivamente só. E era só que teria de enfrentar a pobreza e a morte (BANDEIRA, 1994, p. 63).

O poeta luta dia a dia com a inimiga. Pois lutar faz muito bem. Porém, deve ser grato: foi ela que deu essa tinta inconfundível com que ele escreveu os seus melhores poemas. Mas, se se diz que a tísica forneceu a tinta, não se pretende que fornecesse também a pena. Esta, já se sabe, nos poetas sinceros é talhada numa das plumas que arrancam das próprias asas (LOPEZ, 1987, p. 74).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei abordar nesta pesquisa os mistérios da morte, em busca de explicação para um fato que se mostra inexplicável. Muitos foram os autores que se enveredaram por esse caminho, tentando desvendar, por meio de teses científicas e / ou religiosas, o estágio final da existência que é a morte.

À frieza das teses materialistas, em que a morte é visualizada como o ponto final e definitivo da vida, contrapõe-se a visão religiosa que não celebra a morte e sim a vida, esta que se inicia após a existência terrestre. Os paradoxos surgem inevitavelmente, conduzindo-nos a posições conflitantes e fazendo-nos pensar nesta finitude como mais um enigma que a vida nos oferece.

Em Bandeira, o tema da morte, que para alguns, não passa de um reflexo de sua vida atormentada pela tísica pulmonar, é, sem dúvida, uma aclamação à vida, uma libertação, como o demonstra em “A Dama Branca”: uma libertação conquistada através da poesia. Livre na forma de seus versos, livre na sua temática, já que se enveredou pelos autores gregos até as notícias de jornal. Tal liberdade se relaciona ao momento histórico de sua lírica, que ele inicia em um período de transição, não apenas da poesia moderna, mas de todas as formas de arte e, mesmo assim, consegue ser único em sua própria poética.

Realizei a análise e interpretação de alguns poemas bandeirianos. Poeta livre de modismos, escolas e ideias, Bandeira torna-se parâmetro para o modernismo brasileiro, passando da desestruturação da lírica antiga para a estruturação da lírica moderna. Isso fica evidente em diversos aspectos de sua obra, porém mais contundente nas questões referentes ao *eu lírico*, pois ele, ao parecer misturar sua vida com sua obra e ao escrever sua autobiografia, instaura algo novo em poesia, que é falar de si mesmo, quando não se é o mesmo. Bandeira criou um *eu lírico* parecido com ele mesmo.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Phillippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ARRIGUCCI JR., Davi. **Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira/ Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

_____, Manuel. **Itinerário de Pasárgada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____, Manuel. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura brasileira**. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

ROSENBAUM, Yudith. **Manuel Bandeira: uma poesia da ausência**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura brasileira**. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

CARA, Salete de Almeida. **Literatura comentada-seleção de textos, notas estudos biográficos**. Manuel Bandeira. São Paulo: abril Educação, 1981

COSTA, I. T. M.; GONDAR, J. (Orgs.). **Memória e espaço**. Rio de Janeiro: Letras, 2000.

FOUCAULT, Michel. **L'écriture de soi**. Corpus écrit, Paris, n.5, p.3-23, 1983.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **Traços marcantes no percurso poético de Manuel Bandeira**. Goldstein (org.). São Paulo: Associação editorial Humanitas. 2005.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.) Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LIMA, Rocha. **Dois momentos da poesia de Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1992.

LLOSA, Mário Vargas. **Quem matou Palomino Molero?** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. (Org.) **Manuel Bandeira: verso e reverso**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

MIRANDA, Wander Melo. A memória contra a morte. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 102, n. 103, p. 69/80, jul./dez. 1990.

OLIVEIRA, Alexandre Amorim de. **Manuel Bandeira e a melancolia de Clavadel**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/literatuta/0107.html>>. Acesso em 12 maio 2010.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. 2. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

STAROBINSKI, Jean. **L'oeil vivant II: la relation critique**. Paris, Gallimard, 1970, p.83-99: “**Le style de l'autobiografie**”.

ÍNDICE REMISSIVO

A

América latina 29, 31, 32, 34, 45, 46, 47, 48, 49, 54, 90, 92, 104, 105

Arqueologia Etnográfica 57, 58

Audiovisual 79, 80, 82, 86, 87

Autonomia cultural 33, 34

B

Brinquedo de cura 1, 4, 5, 6, 7, 9, 13

C

Colonialismo 31

Comunidade 1, 4, 8, 9, 11, 12, 21, 25, 26, 34, 35, 53, 59, 60

Comunidades tradicionais 2, 14, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 66

Conflito 16, 20, 23, 24, 25, 26, 92

Consumo cultural 90

Cosmologia 55, 61

Cultura 2, 2, 3, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 32, 34, 36, 39, 40, 46, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 94, 102, 103, 104

Cultura material 62, 64, 65, 66, 67

Cultura midiática 79, 80, 81, 83

Cultura popular 3, 16, 20, 22, 23, 24

Culturas diferenciadas 30

D

Desenvolvimento local 32, 36, 37, 42, 44

Desenvolvimento sustentável 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35

Direito à diferença 29

Direitos humanos 33, 34, 45, 46, 47, 49, 51, 52, 53, 54, 105

Discurso universalista 30

E

Ecosistemas 2, 3, 15

Educação 12, 14, 15, 20, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 78, 105

Estados multiculturais 29

Etnodesenvolvimento 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35

F

Feira agroecológica 36, 37, 43

Fronteiras 44, 79, 80

H

Hibridização 16, 24

I

Identidade nacional 22, 89, 94, 98, 102

Identidades culturais 21, 89, 90

Imaginário 3, 8, 21, 60, 62, 63, 82, 89, 94, 100

Interculturalidade 49, 54

M

Manguezais 1, 2, 3, 5, 6, 9, 10, 14, 15

Memória 13, 20, 22, 23, 58, 60, 62, 66, 67, 68, 69, 71, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 91, 95, 98

Mercados alternativos 38

Mídia 22, 25, 79, 80, 81, 86, 87, 88, 91, 98, 99, 100, 103, 105

Migração 43, 52, 54

Morte 51, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 84, 91, 92

Multiculturalismo 20, 46, 47, 49, 50

N

Nações indígenas 56, 66

Narrativas 3, 55, 58, 59, 62, 66, 79, 80, 81, 83, 88, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 102

Narrativas orais 55, 58, 59

Neocolonialismo na educação 49

P

Paradigma da complexidade 47

Paulo Freire 49

Periferia 16, 23, 25, 26, 105

Práticas materiais e simbólicas 55

Processo de produção 25, 42, 43

R

Relações de produção 41

Relações interétnicas 65

Relações sociais 19, 36, 37, 41, 42, 50

Religião afro-brasileira 2, 11, 13

Representações sociais 2, 1, 3, 8, 12, 14, 15, 89, 90

Ribeirinhos 33, 55, 56, 57, 59, 60, 63, 64, 65

T

Tambor de mina 1, 2, 3, 4, 6, 9, 11, 13

Televisão brasileira 89, 90, 91, 94, 95, 97, 98, 100, 103

Tempo 8, 10, 21, 22, 26, 40, 52, 53, 58, 61, 64, 69, 71, 76, 78, 80, 82, 83, 84, 85, 88, 94, 97, 99, 102

Territórios sagrados 62, 64

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 2

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
@atenaeditora 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 2